

# AFORIZAÇÃO, ENQUADRAMENTO INTERPRETATIVO E CONFIGURAÇÃO HUMANISTA



*Dominique Maingueneau (Paris-XII)<sup>1</sup>*

## 1. A AFORIZAÇÃO

### **Sobrasseveração e aforização**

O que chamo neste artigo de “aforização” não deve ser confundido com a “sobrasseveração” (MAINGUENEAU, 2006a, 2006b). A sobrasseveração não é uma citação, mas uma modulação da enunciação que formata um fragmento de texto como destacável, como candidato a uma “destextualização”. É uma operação de realçamento do fragmento em relação ao cotexto. Eis um exemplo retirado da imprensa escrita:

Achamos mesmo muitas vezes que ela [a Matemática] pertence ao passado, enquanto metade dos matemáticos que se impuseram no decorrer da História estão [...] vivos e em exercício. *Ou seja, a idade de ouro da Matemática é hoje* (20 minutes, 18/10/2004, p. 39).

Esse realçamento pode se realizar com a ajuda de marcadores diversos, que são acumuláveis: marcadores de ordem aspectual (generalização), marcadores tipográficos (posição de destaque em uma unidade textual), prosódicos (insistência), sintáticos (especialmente o recurso a constru-

<sup>1</sup> Tradução de Adriane Ribeiro Andalo Tenuta, Jean Cristtus Portela e Matheus Nogueira Schwartzmann. E-mail: maingueneau@u-pec.fr

ções simétricas), semânticos (utilização de tropos: metáforas, paradoxos etc.), lexicais (utilização de conectores de reformulação), poéticos (rimas) etc. No exemplo citado anteriormente, a sobreasseveração é marcada ao mesmo tempo pelo conector de reformulação (“Ou seja”), pela posição do enunciado no final do texto, pelo caráter paradoxal (“idade de ouro”/“hoje”) e pela estrutura binária (“a idade de ouro da Matemática”/“é hoje”). O caráter destacável desse enunciado é, aliás, confirmado pelo fato de essa frase ter sido transformada em título pelo jornal.

Mas uma frase não tem necessidade de ser sobreasseverada, de ser destacável, para ser destacada: muitas frases célebres que circulam no âmbito da cultura não foram sobreasseveradas em seu texto fonte. A *sobreasseveração* põe em evidência uma sequência sobre um fundo textual, enquanto a *aforização* – ou mais precisamente, a enunciação aforizante – confere um estatuto pragmático específico a um enunciado desprovido de contexto.

A comparação entre as frases destacadas de textos e as “mesmas” frases em seu contexto original mostra que na maior parte do tempo o fragmento destacado sofre uma alteração quando é destacado. Essa alteração é muitas vezes considerável.

Eis um exemplo de alteração particularmente “leve”, já que há somente supressão de uma parte do enunciado original:

**Hussein Chalayan:** “Eu sou muito sexual”

[...] As pessoas pensam que, porque você intelectualiza seu trabalho, você não pode ser alguém com um lado físico forte. Essas duas coisas não são antagônicas! *Eu sou, eu sempre fui, alguém muito sexual.* (*Jalouse*, n. 58, março de 2003, p. 159).

Mas podemos ir mais longe quanto à alteração. É o caso desta aforização que é utilizada como título:

**Alexandra Kazan:** “Para permanecer nesse ramo, é preciso ter garra”.

Ora, o texto localizado abaixo do título é bem diferente do enunciado destacado:

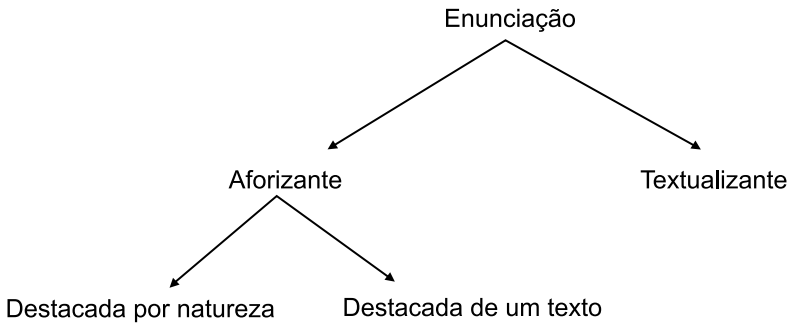
As pessoas não se dão conta, elas têm a impressão de que, quando somos conhecidos, já vencemos. Mas é difícil permanecer. Psicologicamente, é preciso ter garra. Às vezes, eu tenho, às vezes, não. (Idem, p. 91).

Aqui o enunciado destacado não corresponde a nenhuma sobreasseveração: o enunciado é, na verdade, um movimento argumentativo complexo dividido em quatro frases, com modulações do locutor, mas o destacamento transforma essa passagem em uma única frase com valor generalizante, uma espécie de sentença.

Para mim, essas alterações, essas divergências entre o enunciado original e o enunciado destacado são sintomáticas do fato de que entre uma aforização e um texto não há uma diferença de tamanho, mas de *regime enunciativo*. O que evoca a ideia universalmente aceita de que toda enunciação far-se-ia na órbita do texto e do gênero de discurso, compreendido como dispositivo de comunicação sócio-historicamente definido. A enunciação “textualizante” inscreve cada enunciado no horizonte global de um texto proveniente de um gênero de discurso, seja ele monologal ou dialogal. Em contrapartida, a enunciação aforizante não entra na lógica do gênero de discurso, quer se trate de frases que são destacadas de todo texto “por natureza” (provérbios, emblemas, *slogans* etc.) ou de frases que tenham sido destacadas de textos diversos.

Evidentemente, não existe nenhum enunciado que esteja fora de um texto e, portanto, de um gênero de discurso. Uma frase destacada como título, por exemplo, faz de certo modo parte da matéria de que ela serve de título. Dizer que a enunciação aforizante não entra na lógica do gênero de discurso, não é, portanto, dizer que ela é proferida “fora” de qualquer gênero. Isso quer apenas dizer que é preciso tomar consciência da *pretensão ilocutória* ligada à aforização, que é ser uma fala “ab-soluta”, sem contexto, convocada em um texto que, ele mesmo, não é “ab-soluta”.

Assim, o essencial é a tensão que se estabelece entre uma aforização e o texto que a acolhe. Logo, há uma simetria entre os dois regimes de enunciação, o aforizante e o textual, já que toda enunciação aforizante é dominada por uma enunciação textualizante, e não vice-versa.



Desse modo, o que chamamos “falar” pode corresponder a dois regimes distintos, que são também diferentes regimes de construção da subjetividade enunciativa:

- Todo gênero de discurso define duas posições correlativas (a posição de produção e a de recepção) em interação e especificadas pelas coerções do gênero de discurso. Assim, na enunciação textualizante, não estamos diante de *sujeitos*, mas de *papéis*. Na enunciação aforizante, ao contrário, o enunciador fala a uma espécie de “auditório universal” que não se reduz a um destinatário localmente especificado: a aforização institui uma cena de fala em que não há interação entre dois protagonistas situados sobre um mesmo plano. O locutor não é apreendido por tais ou tais facetas, mas em sua plenitude imaginária. É o sujeito em pessoa que se exprime. O “aforizador” – isto é, o enunciador de uma aforização – assume o éthos do locutor que ganha uma dimensão outra, que cresce no contato com uma fonte transcendental. Ele deve supostamente enunciar *sua* verdade, que não participa de nenhuma negociação.
- Um texto é uma rede de pensamentos articulados por meio de co-

erções transfrásticas de diversas ordens: argumentação, narração, resposta a uma questão etc. Por meio da aforização, trata-se, ao contrário, para o locutor, de retomar alguém ou além a diversidade infinita das interações imediatas, dos gêneros de discurso e textos. Ela pretende exprimir o pensamento de seu locutor, alguém de todo jogo de linguagem: nem resposta, nem argumentação, nem narração, mas pensamento, tese, proposição. Assim, a enunciação textualizante resiste à apropriação pela memória. É preciso ser profissional para memorizar textos inteiros.

## 2. OS ENQUADRAMENTOS INTERPRETATIVOS

Como acabamos de ver, o aforizador mantém uma relação naturalmente assimétrica com um destinatário que não é um alocutário comum, mas um “auditório”, uma comunidade imaginária consolidada por valores. No entanto, ele deve, na verdade, ser interpretado por leitores ou ouvintes, cuja atividade interpretativa é fortemente solicitada, já que a aforização não tem por natureza outro contexto senão aquele do texto em que se apresenta.

De fato, o problema se esboça de maneira diferente de acordo com os tipos de aforização que estão em questão. Quando lidamos com aforizações destacadas “por natureza”, como é o caso dos provérbios e emblemas, a construção do sentido se efetua se apoiando sobre instruções incorporadas à aforização. Elas definem um modelo que deve se aplicar a um número indefinido de situações, a partir do momento em que essas situações são categorizadas como provenientes desse modelo. O destinatário é então forçado a buscar na situação que partilha com o locutor os elementos que supostamente teriam tornado possível a enunciação. Por exemplo, o provérbio “Pai avarento, filho pródigo” poderá se aplicar desde que o destinatário possa opor o comportamento de um pai ao de um filho, ou de qualquer relação equivalente. Quanto ao emblema “Fazer face”, ele é aplicável a todas as situações em que um indivíduo se encontra diante de um perigo etc.

As aforizações destacadas de um texto não formam um conjunto homogêneo. Sua interpretação é condicionada por diversos “enquadramentos”: o destinatário deve atribuir de maneira privilegiada a aforização a este ou aquele “enquadramento” para orientar e concluir seu tratamento interpretativo. Esses enquadramentos são categorias pragmáticas: a mesma aforização será tratada diferentemente conforme o enquadramento ao qual a submetemos. Além disso, pode acontecer de haver um enquadramento que, nesse caso, seja apenas dominante. O problema que se apresenta, todavia, é saber o que orienta o destinatário para este ou aquele enquadramento. Existem índices de diversas ordens que interagem nessa questão. Alguns provêm do gênero e do tipo de discurso: o jornalismo sério privilegia a dimensão informativa, a cobertura de celebridades atribui um amplo papel à expressão dos afetos, o discurso religioso ou a literatura favorecem a pesquisa de significações ocultas etc. Outros índices são mais estritamente linguísticos: salvo em casos excepcionais, uma aforização fortemente carregada de tropos ou enunciada em latim não terá um objetivo informativo. A identidade do aforizador desempenha um papel importante: conforme a aforização é atribuída a um sábio, um cantor, um filósofo etc., ela será relacionada a um tipo de enquadramento.

Acumulando índices, podemos evidenciar contrastes bem precisos. Comparemos, por exemplo, esta epígrafe de um livro de literatura:

“Na verdade, somos tão somente mendicantes”.  
Lutero (R. Millet, *L'Amour mendiant*, Paris, POL,  
p. 7).

E este título de uma matéria da editoria de economia:

“Queremos explorar centrais nucleares” (Título de  
uma entrevista com Christophe de Margerie, dono  
da empresa *Total*). (*Les Échos*, 09/02/2009, p. 13)

A primeira aforização é a epígrafe de uma obra literária, ela é ostensivamente metafórica e é atribuída a uma grande figura da história

do Cristianismo, Lutero. Ela se oferece à meditação do leitor. A segunda é um título jornalístico, cujo aforizador é um empresário que evoca a estratégia de sua empresa; o leitor não deve ver nessa afirmação mais do que uma informação unívoca que pode lhe ser útil em sua prática profissional.

### O enquadramento informativo

O enquadramento cujo tratamento é o menos complexo é o de ordem informativa. Ele tem por objetivo *fazer saber*. Podemos ilustrá-lo com o auxílio do exemplo anterior ou do exemplo a seguir, extraído de um título de um jornal popular. Esta aforização é atribuída à Caroline, que vende cosméticos de porta em porta:

“Com isso eu tiro uns 2 mil euros por mês”  
(*Le Parisien*, 20/06/2009, p. 12)

Tal aforização só é realmente interpretável se o destinatário a destaca sobre o fundo de um repertório de conhecimentos que são supostamente partilhados em um dado momento. O marcador argumentativo “uns” dá a entender que é uma soma importante (experimente comparar com “**nem** 2 mil euros por mês”). Considerando os critérios de avaliação do leitorado popular do jornal, o leitor modelo deve estar surpreso com o fato de que um trabalho em aparência tão modesto possa render tanto.

Entretanto, não esgotamos a interpretação desse enunciado quando demarcamos sua carga informativa, acentuada por sua orientação argumentativa. Realmente, se nos ativéssemos ao valor informativo, nada distinguiria essa citação com uso de “eu” e com o uso do estilo direto de um título do tipo pessoal, que seria assumido pelo jornal, por exemplo:

“Uma vendedora pode ganhar por volta de 2 mil euros por mês”

Na verdade, a aforização atribuída à Caroline foi fabricada pela alteração de uma frase da matéria que está na 3ª pessoa: “em maio, ela

ganhou 1985 euros”. A aforização em 1ª pessoa converteu o título em afirmação de uma convicção pessoal, fruto da experiência de uma mulher que é tomada por uma ambição que ela exprime diante do mundo. A matéria indica, aliás, que ela “deveria em breve tornar-se gerente” e acaba nesta citação: “hoje não estou mais em depressão, eu toco a vida pra frente, é só alegria”. Vemos assim uma dimensão “testemunhal” nessa aforização.

## O enquadramento testemunhal

O enquadramento que chamamos testemunhal tende a reduzir ou, ainda, a anular a dimensão informativa, em proveito da expressão de uma convicção diante do mundo. Ele assume modalidades bem diversas: pode passar tanto por um apagamento enunciativo que podemos classificar como sentencioso, quanto por um superinvestimento subjetivo personalizante.

A modalidade “sentenciosa” está bem presente, por exemplo, neste título dado a uma entrevista com um expert “especialista em questões de meio ambiente”, autor de um livro intitulado *Consumir com responsabilidade*:

“O indivíduo não pode aceitar tudo” (*Ouest France*, 04/04/2009).

Percebemos a distância entre o alcance ilimitado da aforização e o caráter limitado do domínio de que se trata (o comportamento dos consumidores em matéria de compra de bens favoráveis ou não ao meio ambiente). Para além do problema imediato, o aforizador mostra que retoma os valores que devem unir a comunidade.

Já a modalidade “personalizante” está centrada na expressão direta dos afetos do locutor e não na afirmação de normas coletivas. Todavia, o destinatário é chamado a depreender as normas que são pertinentes para justificar o superinvestimento subjetivo que mostra o enunciado.



Consideremos, no jornalismo esportivo, o seguinte título de uma entrevista com um campeão de boxe que anuncia o fim de sua carreira:

“Me quebraram” (*L'Équipe*, 8/9/2009, p. 7).

Esse enunciado tem uma carga informativa muito fraca. Ele permite, principalmente, que se coloque em primeiro plano a emoção do sujeito. Tal aforização pressupõe pragmaticamente a existência de normas que foram transgredidas e que a justificam. Nem sempre é fácil para o destinatário reconstruir essas normas. Felizmente, a tarefa é frequentemente facilitada pelo cotexto. É assim que, em nosso exemplo, o artigo associado explica que o campeão não abandona o boxe voluntariamente, mas o faz porque os acontecimentos não ocorreram como deveriam ter acontecido: “Tenho vergonha! Um país como a França que não é capaz de preservar seus campeões!”; “Eu me perguntei: o que eu fiz de mal? Na realidade, nada!”. O destinatário pode assim reconstruir as normas e os valores que deveriam motivar o acontecimento enunciativo. O que se poderia glosar assim: “Sendo dada a norma X, foi-lhe prescrito enunciar a aforização ‘Me quebraram’”. Essa norma X é um enunciado generalizante com valor deôntico. Por exemplo, “Sendo dado que um grande país deve manter seus campeões, então é legítimo dizer ‘Me quebraram’ se essa norma não for respeitada”.

### **Regime de atualidade e regime memorial**

As aforizações de enquadramento “informativo” e “testemunhal” circulam na mídia. Aqueles que estão conectados ao espaço midiático, que “seguem a atualidade” têm a sua disposição o saber enciclopédico requerido para interpretá-los convenientemente. As aforizações participam do que poderíamos chamar de um “regime de atualidade”, o que significa dizer que são interpretáveis no interior do vasto interdiscurso do “o que se diz”, capaz de alimentar as conversas rotineiras, os fóruns na internet ou os debates televisivos em um dado momento.

A esse “regime de atualidade” pode-se opor um regime que poderia-

mos chamar de “memorial”, em que a aforização é sustentada por uma memória coletiva de longo prazo. As aforizações que se originam sob esse regime são atribuídas a um autor identificado, inscrito em um Tesouro de textos consagrado à transmissão. Esse regime memorial pode corresponder a dois grandes enquadramentos: o “histórico” e o “sapiencial”.

Apreendida por meio de um enquadramento “factual”, a aforização é indissociável de uma narrativa, ela é uma parte, o vestígio de um acontecimento que é perpetuado como, ao mesmo tempo, singular e exemplar. A frase endereçada por César a Brutus no momento de seu assassinato, “Você também, meu filho?” (*Tu quoque mi fili*), deve ativar no destinatário a lembrança desse episódio célebre como um todo. Essa frase ascende ao estatuto de *exemplum*: é a frase daquele que se vê traído e assassinado por aqueles que imaginava ser amado. Esse *exemplum* está associado a uma iconografia completa que pode se apresentar, em função das épocas, sobre os suportes mais variados: quadros, estampas, gravuras, louças, xícaras, pôsteres, camisetas etc.

Diferentemente do enquadramento histórico, o enquadramento “sapiencial” não inscreve a aforização em um acontecimento, mas apreende como ponto de vista de um sujeito. Esse enquadramento sapiencial pode se manifestar como enquadramento “moralista” ou como enquadramento “hermenêutico”.

Por meio do enquadramento “moralista”, a aforização enuncia julgamentos sobre a organização do mundo: os homens, as crianças, a amizade, a ambição etc. que foram conservados. É o caso, por exemplo, na França, de frases como “A quem vinga seu pai nada é impossível” (Corneille) ou “Temos sempre necessidade de alguém menor que nós” (La Fontaine).

Por meio do enquadramento “hermenêutico”, o destinatário deve depreender um sentido oculto, uma “mensagem”, imagina-se, que toca a própria identidade do intérprete. Como em toda situação hermenêutica, o enunciado restringe um sentido que não pode ser dado imediatamente, que exige um verdadeiro trabalho de interpretação. A autoridade de afo-

rizador está, assim, respaldada na competência do destinatário, sobretudo quando ambos são membros de uma mesma comunidade restrita que se alimenta de um vasto Tesouro e que desenvolveu procedimentos de interpretação. O enquadramento hermenêutico tem como efeito aumentar consideravelmente o potencial semântico da aforização. Depreender a “mensagem” que a aforização deveria supostamente revelar tem um custo cognitivo elevado, e seu conteúdo nunca é totalmente certo. É o caso, sobretudo, nos domínios religioso, literário, filosófico etc. Tratando-se ou não de uma aforização destacada do *Evangelho*, do *Corão*, da *Odisseia*, de obras de um grande escritor, o essencial é remetê-la à totalidade textual da qual participa, totalidade esta que extrai sua autoridade do fato de ter um autor “inspirado”, que supera o comum dos mortais.

Aos diversos enquadramentos que distinguimos correspondem diversas figuras do aforizador: ao enquadramento informativo corresponde o “*Expert*”; ao enquadramento testemunhal corresponde aquele que se poderia chamar de “Existente”; ao enquadramento histórico, o “Personagem”; ao enquadramento sapiencial, o “Sábio”.

### 3. AFORIZAÇÃO E CONFIGURAÇÃO HUMANISTA

A oposição entre as enunciações textualizante e aforizante constitui uma invariante, mas que pode corresponder a práticas bem diversas no tempo e no espaço. É evidente, por exemplo, que a existência ou não de uma escrita tem grande relevância: as sociedades sem escrita ou que a utilizam pouco privilegiam as aforizações sentenciosas, concebidas para serem memorizadas, como, particularmente, os provérbios e os ditados.

Evocarei rapidamente uma dessas práticas, característica da “configuração humanista” que prevaleceu na Europa entre o século XVI e o começo do século XX. Ela pode ser ilustrada de maneira caricatural pelos seguintes excertos de Montaigne, tomados ao acaso, tamanha é a presença dessa prática na constituição de sua enunciação:

Não nos devemos colocar sob a dependência exclu-

siva de nosso humor e temperamento, pois nossa superioridade consiste em saber aplicar a inteligência de diversos modos. Prender-se a uma só ocupação, é ser mas não é viver e os espíritos mais bem dotados são os mais versáteis e receptivos. Comprova-o Catão, o Velho: “Tinha o espírito tão flexível e tão igualmente apto para tudo que, qualquer coisa que fizesse, dir-se-ia ter nascido para aquilo” (MONTAIGNE, 1972, p. 378).

Nesse curto excerto apreendemos a complementaridade entre as sobreasseverações produzidas por Montaigne e a aforização atribuída a um autor da antiguidade latina. Montaigne enuncia quatro sobreasseverações sentenciosas, apresentadas como destacáveis:

- a. Não nos devemos colocar sob a dependência exclusiva de nosso humor e temperamento.
- b. Nossa superioridade consiste em saber aplicar a inteligência de diversos modos.
- c. Prender-se a uma só ocupação, é ser mas não é viver.
- d. Os espíritos mais bem dotados são os mais versáteis e receptivos.

Aquele que produz enunciados destacáveis é também aquele que sabe destacar (ou retoma enunciados já destacados) de um texto de prestígio. Ele se apresenta como retransmissor entre as aforizações de autores consagrados e suas próprias sobreasseverações, que são aforizações potenciais para outros locutores.

Se nos transportamos, mais de dois séculos depois, para *O gênio do cristianismo*, de Chateaubriand, encontraremos esse jogo entre aforização e destacabilidade:

A esperança, segunda virtude teologal, tem quase a mesma força que a fé; o desejo é o pai do poder; aquele que deseja fortemente obtém. Busquem, disse Jesus

Cristo, e encontrão; batam, e a porta lhes será aberta. Pitágoras dizia nesse mesmo sentido: *o poder mora perto da necessidade*, pois a necessidade implica privação e privação anda ao lado do desejo. O desejo, ou esperança, é o gênio. Ele tem essa virilidade criadora, essa sede que não se extingue jamais. Um homem vê-se enganado em seus projetos? É porque não desejou com ardor; é porque lhe faltou esse amor que, cedo ou tarde, atinge o objeto ao qual aspira, esse amor que, na divindade, tudo abarca e goza de todos os mundos, por uma imensa esperança sempre satisfeita e que renasce sempre (CHATEAUBRIAND, 1803, p. 88-9).

Aqui, mais uma vez, para mostrar que é plenamente autor, o autor do texto deve inserir aforizações em seu próprio texto, devendo também produzir, sobre o modo da sobreasseveração, enunciados suscetíveis de tornarem-se aforizações.

Aforizações:

- Busquem, disse Jesus Cristo, e encontrão; batam, e a porta lhes será aberta.
- Pitágoras dizia nesse mesmo sentido: *o poder mora perto da necessidade*.

Sobreasseverações:

- A esperança, segunda virtude teologal, tem quase a mesma força que a fé.
- O desejo é o pai do poder.
- Necessidade implica privação e privação anda ao lado do desejo.
- O desejo, ou esperança, é o gênio.
- Ele (o desejo) tem essa virilidade criadora, essa sede que não se extingue jamais.
- Um homem vê-se enganado em seus projetos? É porque não desejou com ardor.

Essa prática pela qual um autor citava aforizações para se colocar, por sua vez, como um aforizador potencial, apoiava-se em uma prática escolar. Os professores davam como conselho a seus alunos que mantivessem consigo um caderno dividido em diferentes rubricas (“tristeza”, “juventude” etc.) em que eles deviam registrar os enunciados que julgassem úteis de destacar dos livros que liam. Eram, naturalmente, as sobresseverações sentenciosas as mais espontaneamente destacadas, e isso porque os próprios autores da época teriam sido formados segundo essa prática escolar.

Esses apanhados de aforizações logo foram facilitados pelas publicações de coletâneas prontas. O livro de referência, nesse caso, é a coletânea de Erasmo *Adagiorum collectanea*, publicada em 1500 em Paris, que reunia mais de 800 “adágios”. A lista rapidamente se enriqueceu: a edição de Ale Manuce, de Veneza, em 1508, continha 3.260; a edição definitiva, editada na Suíça, 3.411.

A obra foi constantemente aperfeiçoada com a multiplicação de índices relacionados por temas e por palavras que facilitavam a produção (encontrar uma aforização adaptada a certa temática) tanto quanto a identificação (encontrar o autor e a formulação exata de uma aforização).

O livro recenseava e explicava o sentido de enunciados que formavam uma espécie de *vade-mecum* de excertos de autores antigos. A noção de “adágios” era demasiadamente vaga e a ela mesclavam-se aforizações por natureza (os provérbios, particularmente) e aforizações destacadas de textos e expressões idiomáticas, embora a grande maioria fosse formada por aforizações. Se se tratasse de um enunciado sentencioso, o comentário era uma simples paráfrase que explicava seu sentido, se se tratasse de um enunciado ligado a um contexto singular, o comentário especificava as circunstâncias de sua enunciação, de maneira que lhe permitisse ser reutilizado como *exemplum*.

Vejam como exemplo uma das páginas consagradas à amizade em uma reedição do livro de Erasmo (*Adagiorum epitome*) publicada em 1661, em Anvers (França), sob a edição de Johannes Servilius:

<b>A M I C I T I A .</b>		<b>31</b>
<b>Felicitas multos habet amicos.</b>		<b>Theogn.</b> rijcke lie- den heb- ben veel vrinden. <b>Cicero.</b>
<b>Εὐτυχία πολὺφίλων.</b>		
<i>Id est, Felicitas multos habet amicos. Notior est sententia, quàm vt requirat interpretem.</i>		
<b>Oculis ferre, in sinu, in capite.</b>		
<i>Prouerbialia sunt &amp; illa, oculis ferre, in sinu ferre, si què insigniter amat, fouetq;. Translatum à matribus tenerè liberos suos amantibus, à quibus non dimouent oculos, sollicitæ ne quid illis accidat incommodi, gestantque in sinu atq; in com<sup>o</sup>lexu. Non dissimile est, quod est apud Platonem libro de<sup>o</sup>republica decimo, ἐπὶ ταῖς κεφαλαῖς περιφι- γυρ. Id est, super capita ferre.</i>		
<b>Felicium multi cognati.</b>		<b>Tullius.</b> inde nōot leertmen vrinden kennen. <b>Plutarch.</b> tafelvrin- den. <b>Aristides.</b> arme lie- den zijn sonder vrinden.
<i>Id hodie vulgò dicūt, locupletum plurimos esse cognatos.</i>		
<b>Amicus certus in re incerta cernitur.</b>		
<i>Quo significatum est, amici fidem in rebus aduersis explicari.</i>		
<b>Ollæ amicitia. Χύτρας χιλία.</b>		
<i>Id est, Ollæ amicitia. In amicos istos vulgares quadrabit, quos patina, non beneuolentia conciliat.</i>		
<b>Viri infortunati procul amici.</b>		
<i>Ανδρὸς κακῶς περὶ ἀστυονίῳ, ἐκ πολλῶν φίλοι.</i>		
<i>Id est, Viri siti in malis, amici sunt procul. Notat mores amicorum vulgariū, qui hirundinum ritu pro ratione temporum aduolant ac deuolant: aduolant, vbi res secundæ: deuolant, ingruente tempestate.</i>		

Vemos no alto da página a rubrica “AMICITIA”. A primeira aforização (“A felicidade tem muitos amigos”) é dada em latim, em seguida, na sua versão original, em grego. Na margem, encontramos o nome do autor (“Theogn.”) e a tradução vernacular do público-alvo, o flamengo, no caso. O comentário especifica que essa “sentença” é bem conhecida e que seu sentido não precisa ser explicitado. O mesmo não ocorre com a fórmula seguinte (“*Oculis ferre, in sinu, in capite*”), sem dúvida graças a seu caráter metafórico. De fato, não se trata de uma aforização, mas

<sup>2</sup> “*Oculis ferre, in sinu, in capite*” significa, *grosso modo*, “manter nos pensamentos, junto do coração e da mente”, conforme nos esclarece o latinista João Batista Toledo Prado, da FCLAr/Unesp (N. T.).

de uma locução verbal no infinitivo, atribuída a Cícero. Note-se que as citações não têm referência: não se conhece o texto de onde foi destacada a aforização, somente o nome de seu autor.

A organização de um caderno de aforizações permitia articular leitura e composição: era, ao mesmo tempo, um modelo e um reservatório de citações disponíveis. O domínio da aforização facilitava, efetivamente, a integração social:

[...] as antologias abasteciam tanto a linguagem falada quanto a escrita, os alunos de nossos humanistas entravam na sociedade de homens civilizados com a mente repleta de boas palavras, de citações convenientes, de formas breves ao alcance de quaisquer ocasiões (MOSS, 1991, p. 46).

Essa prática tomava um rumo bastante diferente fora do quadro escolar. As pessoas educadas constituíam para si um caderno pessoal de aforizações que combinava, em proporções variáveis, uma perspectiva moral (deviam-se reunir enunciados que pudessem servir de regras para a vida ou de temas para meditação) e uma perspectiva social (devia-se mostrar que se era cultivado). Era uma prática muito comum até a guerra de 1914.

Em meus arquivos familiares encontrei um caderno de 110 páginas, redigido por volta de 1890. A disposição é característica de um uso que se poderia chamar de mundano. Na verdade, não somente não há nenhuma referência, excetuando o nome do autor da citação, como não há nenhuma classificação de enunciados, que estão reunidos ao acaso das leituras ou das inspirações.

No caderno encontramos dois tipos de enunciados. A maioria são aforizações, dispostas sob a rubrica “pensamentos”, cada uma atribuída ao nome de um autor. As outras são poesias curtas ou estrofes. Vemos bem que se trata, nos dois casos, de textos que podiam ser facilmente memorizados.



Eis uma amostra dos “pensamentos”:

Meu coração tem apenas uma prece, meus lábios  
somente um dizer; essa palavra, esse dizer, é amar.  
(Lamartine)

Um dia passado, um espinho retirado, um choro  
estancado, um passo a mais na luz de meu Jesus.  
(Eugénie de Guérin)

Ao lado dos pensamentos atribuídos a um autor célebre, o autor do caderno reuniu seus próprios pensamentos, que são marcados com uma simples inicial. Por exemplo:

O coração é uma rosa que as desilusões desfolham.

O livro da amizade só tem tristes páginas.

Reencontramos aqui as duas vertentes dessa atividade: o destacamento aforizante de fragmentos de textos é acompanhado por uma produção de aforizações sentenciosas que fazem o autor entrar imaginariamente no círculo dos Sujeitos de pleno direito, daqueles que podem enunciar, a partir de sua experiência, um pensamento exemplar.

Tal prática é, de fato, solidária com um mundo dominado pelo escrito, em que o texto é apresentado como um bloco compacto. Como no caso da edição dos Ensaios de Montaigne, do século XVI, cuja compacidade é extrema, e na qual não há parágrafos, mas em que a aforização em latim está claramente marcada pelo uso do itálico.

Em contrapartida, o tipo de textualidade que domina hoje é preferencialmente “modular”: sobre as páginas impressas ou as páginas da tela do computador combinam-se módulos quadrados ou retangulares que formam uma espécie de quadro. Observemos, por exemplo, a seguinte página do jornal gratuito *Direct matin* (22/10/08, p. 17):

**4000 PLACES** seulement, pour assister gratuitement aux 16 matchs de la Coupe de France de Football. Le tournoi se disputera du 14 au 18 septembre au Stade de France de Saint-Denis, en Seine-Saint-Denis. Les billets sont gratuits pour les supporters officiels de la Ligue 1 et de la Ligue 2. Les autres places sont disponibles à partir de 10 euros. Les places sont disponibles sur le site [www.coupefrance.com](http://www.coupefrance.com).

**FRANK LEDOUF**

## «L'équipe de France ne domine pas son sujet»

**Vous parlez des joueurs. De comment ils se comportent-ils ?**  
Les joueurs, ce n'est pas un problème. Ce sont des athlètes professionnels. Ils ont une mentalité de vainqueur. Ils sont prêts à tout pour gagner. C'est leur métier.

**Raymond Domenech est les grilles-à-pas en collectionneur avant elle ?**  
C'est peut-être un peu exagéré. Il y a eu des moments où il a été un peu plus collectionneur que joueur. Mais c'est un joueur avant tout. Il a été un joueur pendant 15 ans. Il a été un joueur pendant 15 ans.

**Il n'y a pas cette notion de groupe ?**  
C'est peut-être un peu exagéré. Il y a eu des moments où il a été un peu plus collectionneur que joueur. Mais c'est un joueur avant tout. Il a été un joueur pendant 15 ans. Il a été un joueur pendant 15 ans.

**Est-ce-à-dire une solution pour que les joueurs puissent jouer ensemble ?**  
C'est peut-être un peu exagéré. Il y a eu des moments où il a été un peu plus collectionneur que joueur. Mais c'est un joueur avant tout. Il a été un joueur pendant 15 ans. Il a été un joueur pendant 15 ans.

**LEUR DES CHAMPIONS | BORDEAUX VISE L'UEFA**

Après avoir été sacré champion de France en 1990, le club bordelais se prépare à affronter les équipes européennes. Le club bordelais se prépare à affronter les équipes européennes. Le club bordelais se prépare à affronter les équipes européennes.

**TERRES | GASQUET ET TSONG ACCROCHÉS À LYON**

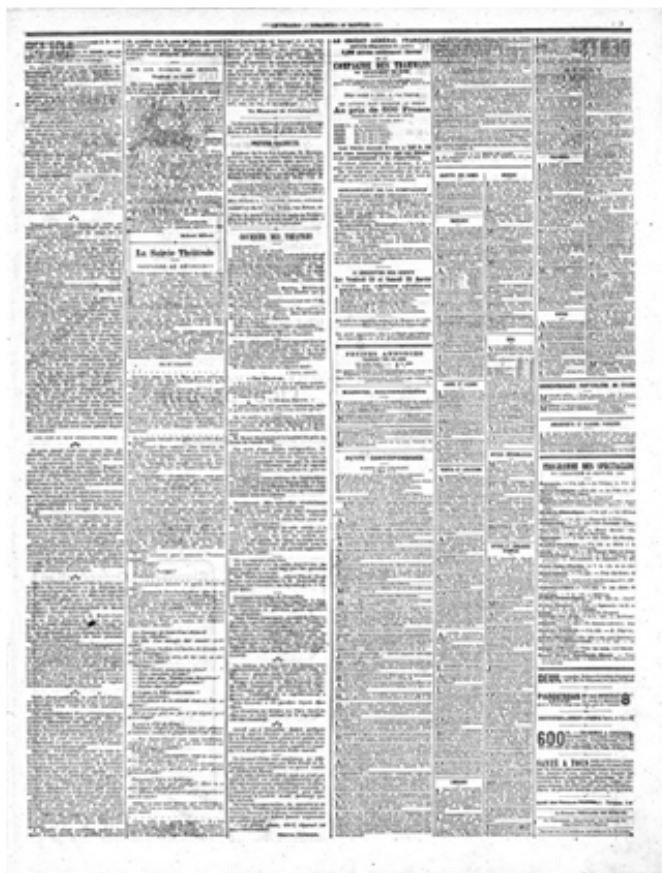
Richard Gasquet et Jo-Wilfried Tsonga, respectivement tites de la Coupe de France et de la Coupe de France, se sont affrontés en finale de la Coupe de France. Richard Gasquet et Jo-Wilfried Tsonga, respectivement tites de la Coupe de France et de la Coupe de France, se sont affrontés en finale de la Coupe de France.

**RMC, C'EST LÀ QUE ÇA SE PASSE !**



A página se apresenta como um mosaico de cinco módulos de forma retangular: uma faixa na parte superior, uma entrevista disposta verticalmente sobre a parte esquerda, três módulos à direita, sendo duas informações sobre esporte e uma publicidade. A partir do momento em que o módulo atinge certa amplitude, ele se decompõe em submódulos: é o caso da faixa superior que contém três divisões, e da entrevista que se decompõe naturalmente seguindo o número de pares “questão-resposta”. A página contém igualmente três aforizações que estão isoladas tipograficamente: uma ao centro da faixa superior, a segunda como título e a terceira ao centro da faixa de entrevista. Elas participam também dessa disposição modular.

É uma textualidade bem diferente daquela da imprensa tradicional, que preenchia as páginas dos jornais de forma compacta, como vemos neste exemplo do jornal *Le Figaro* (16/01/1876):



## CONCLUSÃO

Neste artigo, retomei as características principais da enunciação aforizante, partindo do princípio de que a fala é dividida em dois regimes de enunciação distintos: o das aforizações e o dos textos, que obedecem à lógica de gêneros de discurso. Essa dualidade não escapou às instituições de tipo escolar. Pudemos ver isso em relação ao que chamei de “configuração humanista”, em que havia sido instaurada uma complementarida-

de entre dois regimes: a leitura dos grandes textos era destinada a fornecer aos alunos aforizações memoráveis que viriam, em seguida, alimentar sua produção verbal, oral ou escrita. Hoje, a instituição escolar deve de novo definir um *modus vivendi* entre textos e aforizações, mas em uma configuração bem diferente: não somente a educação não está mais reservada a uma elite e não existe mais um corpus de grandes autores que seja partilhado por todos, como as novas tecnologias da comunicação incitam à produção massiva de frases que muito frequentemente substituem os textos. Eis aí um desafio considerável para aqueles que são responsáveis pelo ensino.

## REFERÊNCIAS

CHATEAUBRIAND, François-René. *Génie du christianisme*. Paris: Migneret, 1803.

MAINGUENEAU, D. De la surassertion à l'aphorisation. In: LOPEZ-MUÑOZ, J. M.; MARNETTE, S.; ROSIER, L. (Orgs.). *Dans la jungle des discours: genres de discours et discours rapporté*. Cadix: Presses de l'Université de Cadix, 2006a, p. 359-368.

MAINGUENEAU, D. Les énoncés détachés dans la presse écrite. De la surassertion à l'aphorisation. In: BONHOMME, M.; LUGRIN, G. (Orgs.). *Interdiscours et intertextualité dans les médias, Travaux Neuchâtelois de linguistique*, n. 44, 2006b, p. 107-120.

MONTAIGNE, M. *Ensaïos*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Abril, 1972. (Os pensadores).

MOSS, A. Du lieu commun à la maxime: de la Renaissance au monde classique. In: HEISTEIN, J.; MONTANDON, A. : (Orgs.). *Formes littéraires brèves*, Actes du colloque, Wrocław 1991, Université de Wrocław-Université Blaise Pascal.